

# DO FICCIONAL AO REAL: UMA VISÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DO MUNDO URBANO TERESINENSE NA OBRA “PALHA DE ARROZ”, DE FONTES IBIAPINA<sup>1</sup>

Juscelino G. Lima<sup>2</sup>

## RESUMO

Esse trabalho se propõe a analisar o espaço urbano da cidade de Teresina-PI, idealizado na obra Palha de Arroz, de Fontes Ibiapina, evidenciando nuances que forjaram a construção de um ambiente histórico-geográfico ímpar na sociedade teresinense do limiar do século XX. Para efetivação deste trabalho fizeram-se necessárias pesquisas bibliográficas e a compilação de produções já existentes. O estudo revelou a importância que as produções literárias ficcionais possuem no sentido do resgate da história e geografia de um espaço e também de um povo.

Palavras-chave: História e Literatura. Cidade. Teresina. Palha de Arroz.

## FROM FICTIONAL TO REALITY: AN HISTORICAL-GEOGRAPHICAL VIEW OF THE TEREZINA URBAN WORLD IN THE LITERARY WORK “PALHA DE ARROZ”, BY FONTES IBIAPINA

## ABSTRACT

This work analyses the urban space of the city of Teresina-PI, idealized in the workmanship Palha de Arroz, by Fontes Ibiapina, being evidenced nuances that they had forged the construction of a odd description-geographic environment in the piauiense society of the do threshold of century XX. For efetivation of this work one became necessary bibliographical research and the compilation of existing productions already. The study it disclosed the importance that the fictional literary productions also possess in the direction of the rescue of the history and geography of a space and of a people.

Word-Key: History and Literature. City. Teresina. Straw of Rice.

## 1 INTRODUÇÃO

A construção dos espaços obedece à lógica da organização humana. Esta lógica é perfeitada dentro de um espaço de tempo que se acha permutado por características que a ela são inerentes. Nessa permutação, os homens constantemente estão fazendo sua história, que é marcada por ações, evoluções, contradições e muitas outras.

---

<sup>1</sup> Para um entendimento preliminar, a obra Palha de Arroz, de Fontes Ibiapina, é umas das mais expoentes obras da literatura piauiense, tendo ganhado vários prêmios de reconhecimento por sua escritura e importância.

<sup>2</sup> Graduado em Letras e Especialista em literatura brasileira pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI e Geógrafo pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. geocelino@hotmail.com.

É dentro desse contexto que as paisagens urbanas são edificadas, haja vista o rápido enfoque dado pelo sistema capitalista no processo de construção da história dos homens. Sendo assim, as alterações por que passam as paisagens são apenas parciais, e as mesmas são testemunhas do passado. Por outro lado, muitas mudanças sociais não provocam necessariamente ou automaticamente modificações na paisagem (SANTOS, 1982).

Nesse sentido, o ambiente social e urbano que na capital do Piauí foi se construindo no limiar da década de 1930 responde e confirma a ideia outrora exposta. Dessa forma, houve a produção de uma sociedade que esteve ligada necessariamente às condições mudancistas localmente. Sendo assim, a obra literária “Palha de Arroz”, de Fontes Ibiapina, retrata um ambiente urbano crescente e contraditório, que foi marcado pela oposição social: rico em desenvolvimento e o pobre em decadência. Essa decadência liga-se diretamente às mudanças estruturais que a referida cidade passava, principalmente a partir da produção e perpetuação de incêndios, que ceifaram inúmeras vidas sociais suburbanas.

Dessa forma, este trabalho se propõe a analisar o espaço urbano da cidade de Teresina-PI, idealizado na obra Palha de Arroz, de Fontes Ibiapina, evidenciando nuances que forjaram a construção de um ambiente histórico-geográfico ímpar na sociedade piauiense do limiar do século XX, chegando a marcar todo um seio social, bem como destacar e caracterizar os elementos típicos da narrativa, procurando mostrar a coadunação que existiu entre os mesmos e o espaço por eles ocupado.

## 2 HISTÓRIA E LITERATURA: FICÇÃO E VERACIDADE

Em tempos de globalização, em pleno século XXI, época dominada pelos avanços das informações rápidas e instantâneas, muitas das quais disponibilizadas pela Internet e outros veículos informativos, o que se percebe é que a narrativa que agrada e prende o leitor tem penetração garantida junto ao grande público.

Nesse contexto, os livros considerados didáticos e paradidáticos abarcando a história ou a literatura propriamente dita vêm, ao mesmo tempo, ganhando e perdendo espaço. Existe uma luta intensa entre a ficção que agrada, mas não informa ou desvenda o passado, e a narrativa tida como verídica, que enriquece o saber humano, porém não desperta o interesse porque usa uma linguagem tediosa.

Quando se parte para o campo histórico, em especial em suas literaturas, muitas vezes o que se vê é o descarrilar de valores que, de várias formas, são representadas por práticas ou ações que muitas vezes permanecem à mercê de quem delas precisa. Nesse sentido, Ramos (2003) é bem enfático ao pronunciar que:

Na realidade, com raras exceções, as obras escritas por historiadores permanecem restritas às prateleiras das bibliotecas, circulando entre um público restrito aos meios acadêmicos, embora agreguem novos conhecimentos e tragam contribuições inéditas, bem como discutam e reconstruam os fatos. Os historiadores, salvo raras exceções, são muito bons em desvendar o passado, mas pouco eficientes em comunicar essa riqueza de detalhes ao grande público.

A comunicação da história que se acha aqui em discussão deve ser aquela permanente e sempre correlacionada ou coadunada com outras áreas do conhecimento, a fim de se evitar a desconstrução de identidades e valores.

É importante que se veja e discuta nesse ínterim a importância da narrativa histórica na literatura. Discutir essa questão, antes, implica encontrar a gênese da resistência dos historiadores frente à ficcionalidade literária, uma vez que a construção e legitimação do saber histórico, enquanto ciência, perpassou a negação de sua vertente ficcional em prol da valorização da veracidade de sua narrativa, acarretando a desvalorização da literatura como fonte e modelo narrativo.

Por outro lado, a utilização da literatura como fonte histórica é remontada ainda ao século XVIII, quando o pensamento iluminista inaugurou a racionalização da história, discute-se a importância da literatura como fonte para os historiadores recomporem o passado. Da mesma

maneira, a historiografia romântica do século XIX utilizou a narrativa de cunho literário para discutir o passado da humanidade (SILVA, 2001).

No transcorrer do século XIX, o cientificismo desabilitou a narrativa literária, pretendendo construir textos que, a partir da citação de fontes documentais, possibilitassem um entendimento mais completo e puro do passado, isento da ficção.

Somente no início do século XX, com o advento da Escola de Annales, nascida na França e rapidamente expandida para o restante do mundo ocidental, graças à ajuda da Antropologia, da Psicologia e de outras ciências auxiliares, o uso da literatura como fonte adquiriu um novo sentido (BURKE, 1997).

Não sendo diferente, o resultado do perpassar evolucionista é que a literatura finalmente passou a integrar o principal *corpus* documental consultado pelos historiadores, haja vista a riqueza de detalhes contida em seus textos.

Desse modo foi possível uma ampliação de escritos que tiveram como base a literatura para a produção de verdades em história. Assim se torna importante mensurar que os escritos literários, ao servirem de base aos historiadores e estes no comprometimento de suas funções no processo de construção de sua ciência, muitas vezes são carregados de valores pessoais de quem as redigiu, o que não deixa de existir em uma dada obra de cunho histórico, a marca da impessoalidade, assim como aponta Ramos (2003):

No fundo, toda fonte, seja literária ou não, representa tão somente a opinião daquele que narra os fatos. Mesmo um documento oficial narrando dado acontecimento, a despeito de sua linguagem técnica, necessariamente foi redigido por um indivíduo que, sendo humano, não se furta de transmitir suas impressões pessoais. Nada que é humano está isento de emoção e de uma perspectiva particular de observação do mundo.

Nesse sentido, admitida a validade da literatura como fonte histórica, talvez não fosse o caso de questionar a veracidade presente na narrativa literária, pois ela não só não poderia deixar de existir, sob pena de tornar o enredo sem lógica alguma, mas também o raciocínio humano não suportaria uma construção literária inverossímil. Assim, ficção e veracidade se tornam um só corpo e alma, haja a vista a necessidade mútua de construção, valorização e perpetuação de seus objetos de estudo, respeitando os seus pontos comuns de trabalho.

### **3 ENFOQUES TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS BRASILEIROS**

A construção dos espaços obedece à lógica da organização humana. Esta lógica é perfaçada dentro de um espaço de tempo que se acha permutado por características que a ela são inerentes. Nessa produção de tempo e espaço, o homem heterogeneamente vai construindo seu espaço de poder, implicando variáveis mudanças em sua constituição e das paisagens.

Independente de como se apresente, se faz importante perceber a exposição histórica das relações homem e natureza no evoluir da história, já que sempre foi diferenciado e ideologizado.

O espaço construído e modificado constantemente pelo homem, de acordo suas necessidade, é denominado “espaço geográfico”. Este é, na verdade, o espaço de alocação de valores que são feitos mediante a alocação de forças dos homens na busca incessante de seus ideais. Dessa forma, as cidades são o resultado dessa amalgamação de necessidades e trabalhos, construídos ao longo do tempo, conforme aponta Façanha (2003):

[...] A cidade, sendo obra coletiva, tem maior diversidade – ela é constituída ao longo do tempo e são as práticas sociais da vida cotidiana que articulam os objetos sociais e com isso se especializam, o que lhes confere ao mesmo tempo uma maior continuidade.

Dessa forma, o espaço urbano é um tipo particular de espaço, e se caracteriza por ser simultaneamente produto, meio e condição. Nesse sentido, há de se abstrair que o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, sendo que cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que a intensidade seja muito variável

No Brasil, os processos transformacionais, frutos do engendramento do capital externo, vão provocar uma proliferação de transformações socioespaciais dantes não vistas, fato que promoverá profundas transformações no seio social brasileiro, em especial na edificação de um palco de lutas a ações – as cidades, que passam a se constituir em um espaço de duplos valores: o centro rico, em processo de desenvolvimento, e a periferia, dona de uma situação lastimável, perpetuado por conta de forças endógenas e exógenas<sup>3</sup>, muitas vezes contraditórias. Dessa forma, é possível confirmar o momento transformacional, como aponta Lima (2008):

Mas é justamente após a Segunda Guerra Mundial que a temática urbana vai ter ascensão maior. Esse fato é verdade quando se percebe o grande deslocamento de mão de obra das áreas rurais, em franca decadência para as dinâmicas áreas urbanas. E é nesse bojo, que os países subdesenvolvidos vão ter sua espacialidade urbana alargada, entre eles o Brasil, que passa a se industrializar e urbanizar a partir da inserção de nossa economia à produtividade mundial, comandada pelas multinacionais, em especial a partir de 1970.

No caso do Piauí, esse processo vai ser tardio e contribuirá para agravar o quadro social vigente no início do século XX, o que, de alguma forma, também é resultado da política de organização socioespacial empreendida desde a nossa colonização.

#### **4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE URBANA NO PIAUÍ: PROCESSOS E TENDÊNCIAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Teresina, como é sabido por todos, foi a primeira capital planejada do país, fato produzido a partir do desejo e influência política que foi marcada pelo poder do primeiro governador da até então província do Piauí, Antonio José Saraiva. A transferência da capital, da antiga Oeiras para a chapada do Corisco, e sua final inauguração, ocorrida em 1852, tinha um objetivo idealizador básico, que era, conforme expressa Nascimento (2006):

A cidade sonhada por Antonio Saraiva deveria se transformar em centro dinâmico da economia e sociedade piauiense. Foi pensada para alavancar o progresso no Piauí, e sua posição do ponto de vista geopolítico a indicava como motor de desenvolvimento da província.

A concretização do sonho de Saraiva na verdade era uma resposta às necessidades mudancistas pelas quais o estado do Piauí vinha passando desde o final do séc. XIX. Desse fato, as incursões postas a partir de nossa vocação extrativista, alcançadas no final do aludido espaço de tempo, fazem com que Teresina alcance um adensamento populacional de forma lenta, mas considerável (NASCIMENTO, 2007).

Ligado a isso, a existência do rio Parnaíba representa a tônica principal do desenvolvimento da nova capital e do restante do estado, uma vez que o mesmo representou um meio de expansão dos poderes comerciais, que se desdobraram em produtos que eram comercializados do norte rumo sul do estado, e deste para os vizinhos estados e o restante do mundo, como relata Abreu (1988):

---

<sup>3</sup> As expressões endógenas e exógenas empregadas aqui servem para realçar o poder dos donos do capital, que produzem o espaço urbano à sua vontade, o que termina por criar e perpetuar ora espaços desenvolvidos em ascensão, ora em decadência, com conteúdos próprios de cada situação.

O papel do rio Parnaíba, frente ao processo de organização espacial em terras do Piauí fora inegável: através daquela via os produtos chegavam a Teresina e daí saíam para Caxias (no Maranhão) e Parnaíba, criando espaços próximos à capital, um polo, débil ainda, mas capaz de estabelecer ampliadas relações além do norte do estado, também com o restante do mundo.

Contudo, as mudanças reais e de forma efetiva sobre todo o parcelamento social vão ser inauguradas quando Getúlio Vargas chega ao poder – 1930 e, decreta sobre todos os estados do Brasil intervenção, fato que em nosso estado será caracterizado a partir de um projeto de mandonismo e autoritarismo político e policial, em que a polícia era peça chave para resolução de problemas, principalmente aqueles ocorridos com os indivíduos ocupantes dos bairros periféricos.

O governo Leônidas de Castro Melo, no Piauí, será de alguma forma não apenas lembrado pelos traços modernos efetivados durante sua gestão, mas também pela luta empreendida contra aqueles que eram considerados “desertores da ordem pública” e que, necessariamente, estavam alocados justamente na periferia de uma cidade que crescia sob o signo da modernidade, fato que muitas vezes era contrastado pela existência de casas de palha.

Essas casas de palha, já na primeira metade da primeira década de 1900, tiveram sua existência regulada por lei, fato que demonstra a preocupação das autoridades frente aos processos de modernização em curso nas principais capitais do país, conforme ilustra Nascimento (2007): “Na primeira metade da década de 1910, foi sancionada a lei nº 69 do Conselho Municipal de Teresina, que mantém, no artigo 30, a proibição da construção de casas de palha na zona urbana”.

Anos mais tarde, outros mecanismos vão existir e que, por lógica, também respondem aos processos de organização urbana na florescente capital Teresina. Estava de fato demonstrada a capacidade transformacional pela qual a referida cidade teria que passar.

Os insurgentes, que de alguma forma ajudavam a “enfeiar” a nova capital, seriam subjugados e expelidos do cenário social urbano, por meio das forças, armas e fogo. São justamente esses que merecem ser destacados, já que a “modernidade” que chegara aos poucos no estado Piauí instalara-se na capital Teresina e, portanto, qualquer aspecto de pobreza, arcaísmo ou ainda de admoestação à recém e bem vinda capital do estado seria uma forma de justificação para que tais adjetivos, em sua concretude fossem eliminados.

## **5 DO REAL PARA O FICCIONAL: OS NOVOS CONTORNOS TERESINENSES DE 1930 – 1940**

As mudanças que se operaram sobre Teresina nos idos pós 1930 e 1940 eram de tamanha importância que mecanismos de caráter jurídico existiram no sentido de preservação da imagem de império ascensional que se desenvolvia no interior do Nordeste brasileiro.

Essa imagem devia “impressionar” a quem vinha de fora, e que a imagem da capital em processo de construção e desenvolvimento fosse real e que abarcasse o máximo de importância e exponencialidade, a exemplo de centros de excelência da região Sudeste – São Paulo, Rio de Janeiro, etc.

E a magnificência urbana que se processava em Teresina no aludido espaço de tempo foi justamente o centro, espaço de encontro e residência das elites e, claro, centro comercial, onde girava a vida econômica e, portanto, social, da florescente capital.

À medida que isso acontecia, o espraiamento da malha urbana e a produção dos redutos periféricos aconteciam, de tal modo que, assim como expõe Moreira (1972):

Entre os anos de 1940 e 1950, o espaço urbano de Teresina sofreu algumas transformações espaciais, gerando novas áreas de crescimento na cidade, com destaque especial para as Zonas Norte e Sul. Na Zona Norte, o crescimento se deu em direção aos bairros Mafuá, Vila Operária, Vila Militar, Feira de Amostra e Matadouro. Em alguns bairros, uma paisagem presente era o contraste entre

áreas densamente povoadas e áreas de grandes vazios. Na periferia da área central, desenvolviam-se os bairros Cabral e Ilhotas.

Sendo assim, vários bairros, que hoje são tradicionais e muito conhecidos, foram na verdade palco existencial de figuras sociais, ações, situações que vieram marcar as páginas não só da história, mas da literatura teresinense, bem como piauiense, a exemplo da obra em questão – *Palha de Arroz* – e toda a sua narrativa.

Nesse sentido, à medida que a cidade de Teresina se “modernizava”, principalmente no centro, as adjacências eram compostas na sua maioria pela população pobre, e esta era, na verdade condenada a distanciar-se ou desaparecer daquele reduto. Tal fato se deve à presença das casas de palha. Estas eram a representação sistêmica mais profícua que batia de frente com a dita modernidade.

Tanto é que, desde cedo, os supracitados mecanismos jurídicos foram postos no sentido de sensibilizar condutas do uso e estética urbana central. Os períodos de estiagem, como de praxe anualmente feitos em nosso estado, vieram arregimentar possibilidades de sofrimentos aos mais desprovidos de condição econômica, fato que é narrado por Nascimento (2007) da seguinte forma:

As moradias populares em Teresina, a cada período de estiagem transformavam-se em alimento do fogo [...] Em 1941, no final do mês de agosto, a cidade é assolada por incêndios. Nesse período, a periferia foi quase totalmente atingida.

Toda essa dinâmica de necessidade mudancista se fazia em função da “modernidade” por que Teresina passava. Faz-se importante mencionar que o período em questão é revestido pela presença do período histórico conhecido como Estado Novo, empreendido por Getúlio Vargas, que ao praticar a política intervencionista sobre os estados brasileiros, trouxe para o Piauí sombras de desesperos e tragédias, que foram representadas pela prática dos incêndios, tidos como criminosos, ora por parte dos agentes de polícia, ora pela própria população, revoltada com a situação política, econômica e social do momento.

Toda essa dinâmica de acontecimentos perfazida no desenrolar da primeira metade do Sec. XX, tanto na perspectiva histórica, como literária, foram importantes, uma vez que os contextos políticos nacionais e estaduais daquele momento, coadunados, concorreram para a escrita de uma nova história, bem como influenciado indivíduos a fazer da realidade contextos de produções que emocionam e proporcionam uma maior reflexão sobre os acontecimentos e valores de toda uma época.

Essa reescrita da história, aqui desvelada em forma literária, leva-nos de alguma forma à compreensão de que o processo de organização espacial de um dado lugar não acontece meramente, mas carregado de intencionalidades, fato importante na construção da história e da geografia.

## **6 PALHA DE ARROZ: DA OBRA EM FICÇÃO**

A obra *Palha de Arroz*, de Fontes Ibiapina, obra prima da ficção piauiense, retrata uma época de incertezas e diluição de valores sociais, que eram velados pela existência de dramas, misérias, que se perpetuavam sobre um parcelamento social, frutos das relações discrepantes do meio social, do início do século XX. Foi, na verdade, um período de demonstração de poderes superiores, em contraposição àqueles que eram perquiridos de forma sofrível, como aponta Silva (2003):

*Palha de Arroz*, de Fontes Ibiapina, retoma a época da Ditadura Vargas, constituindo um documento urbano-social em que a realidade e ficção se confundem nas denúncias das mazelas, dos dramas, das misérias e, algumas vezes, até da coragem de algumas de suas personagens.

Toda a narrativa é desenvolvida dentro da florescente capital Teresina, no desenrolar de 1930-40, e sua descrição, nas palavras do autor, faz o leitor viajar e imaginar os aspectos físicos e ambientais do momento, fato que leva os leitores a construírem mentalmente um espaço urbano que, apesar da perspectiva histórica, de ascensão, na verdade resumia os valores excludentes da massa pobre e que ajudava a “manchar” a paisagem desenvolvimentista que atravessava a referida capital.

A descrição de fato é revertida aos espaços periféricos, centro de discussão e intriga da obra, tendo como reduto principal o bairro Palha de Arroz, espaço que é detalhado na obra de Fontes Ibiapina (2004, p. 10): “Ruas quietas dentro de uma tarde cinzenta de janeiro. Quase nada de movimento por aqueles becos estreitos e sujos entre casas pobres [...]. Palha de Arroz não era bairro, nem de longe, propenso a tamanha tranqüila”.

Não diferentemente, os indivíduos que compõem os espaços periféricos na retratada obra têm seus costumes e valores próprios, frutos do nascimento e desenvolvimento do referido espaço.

O próprio autor, através da narrativa feita, deixa claro isso, ao criar personagens típicos, que por descendência de criação local, têm suas marcas carimbadas, a exemplo de uma das figuras principais na obra, o negro Parente, como é atestado na seguinte passagem (op. cit, 2004, p. 13):

E para ser sincero, da Barrinha para Palha de Arroz, quase ninguém falava outro português. Era mesmo aquele deboche sem cabimento. Só aquele linguajar depravado do negro Parente. Com cada palavrão que, com poucos minutos de palestra, não ficava um ente da família que não pegasse da sua. Também!... Qual seria outro prazer em bairro tão pobre?!

Percebe-se, pelo exposto, o quanto de crítica e conclusões há de se tirar acerca dos valores que os elementos elencados na obra apresentavam. É na verdade a demonstração daquilo que fora “fabricado” sob redutos de pobreza e miséria, principalmente quando da situação dos supostos incêndios criminosos que se desdobraram sobre o espaço periférico da crescente Teresina.

## **7 O LABIRINTO DOS INCÊNDIOS: UMA VISUALIZAÇÃO DO MUNDO URBANO EM PALHA DE ARROZ, DE FONTES IBIAPINA**

A obra dos incêndios retratada no livro é detalha de uma forma tão rica que, como já exposto anteriormente, a narrativa busca prender o leitor, para que este busque mentalmente cenas de sofrimento de um povo, calcadas na tentativa de se responder aos porquês das ações feitas. Dessa forma, vê-se na seguinte passagem da obra (loc. cit, 2004, p.28):

Homens corriam de todos os lados. Uns saindo de casas, outros entrando em casa pegando fogo. Labaredas lambendo alto. Fumaça! Cinza! Carvão! Tudo se misturando, inclusive o povo naquela correria doida, naquela dança macabra que parecia um fim sem mundo. Mulheres às ruas, de mãos à cabeça, gritando como loucas e se apegando com tudo quanto de Santo da Corte do Céu. E as casas se queimando. Homens correndo desatinados, entrando em casas se queimando e jogando cacarecos nas ruas. Mulheres chorando, gritando, rezando. Latomia sem termo, e o fogo subindo.

As causas para tanto desatino são várias. Destas cita-se o momento do calor da II Guerra Mundial, que se processava; as rivalidades políticas; os próprios moradores, face as suas condições subumanas, etc. Na própria obra, o narrador deixa clara sua intenção de crítica ao tentar posicionar um possível responsável pela produção de tais acontecimentos, narrada na seguinte passagem (ibidem, 2004, p. 31):

Mas quando os incêndios tiveram início, o mundo estava em guerra. [...]. Por conseguinte, na opinião dos da *panela*, nada de culpa tinha o Chefe de Polícia, nem o Interventor, nem tão pouco o Chefe da Nação. O Culpado de tudo tinha

sido mesmo o conflito mundial que não dava um dedo de tempo de sobra para os homens tratarem de coisas internas [...]. O Capitão Vilmar era que não tinha o menor pingo de culpa. Pelo contrario!... [...]. Além do mais a polícia matou até gente para ver se conseguia descobrir os mistérios dos incêndios.

É interessante perceber dentro da narrativa que não é somente o sofrimento do povo que é feito pela atuação das queimadas (este é o item principal), mas que tantos outros, a exemplo de Conceição, que não vai realizar-se como pessoa e nem como mulher amada, por conta da perda do homem que a amava e que fugira com ela (Zé Remador) e que tem a vida tragada pelo próprio modo como tirava o sustento, o rio Parnaíba. Outro de destaque do mundo de Palha de Arroz é o negro Parente, que vive de “pescar” defuntos no velho Monge, mas tem sua freguesia escasseada no período da seca e, portanto, no período da baixa do nível do rio, fato que o leva ser matador de aluguel, mesmo contra a sua vontade. A profissão de pescador fica para seu filho, Antônio.

Do mundo urbano em destaque, muitos personagens aparecem. Uns com mais intensidade, outros de pouca envergadura. O fato é que de estivadores, oportunistas, passando por bêbados e prostitutas, até chegar à classe dominante da situação – polícia, promotores, doutores, políticos, a obra, de fato, só ganha exponencialidade com sua figura principal, Francisco Clemente Pociúnculo, ou vulgarmente conhecido como Pau de Fumo e ou Chica da Benta<sup>4</sup>.

Este elemento é o ponto central da narrativa, juntamente com sua mulher, Genoveva, que fica louca no momento em que perde a filha Zefinha em um dos incêndios criminosos que traram sua casa.

O referido personagem central, após tantas idas e vindas, na tentativa de vencer as intempéries sociais colocadas ao mesmo e ao restante da trama, faz-se de vencido a tal ponto de ter forjado sua morte por meio de um suicídio, fato montado pelo autor na tentativa de promover uma inquietação do leitor; de fato, Pau de Fumo teria mesmo morrido ao se jogar de um trem em movimento, sobre a ponte metálica, dentro do Parnaíba?

Fica clara, portanto, a intenção do autor em demonstrar os valores que de fato brotam, emanam, do Piauí. Nesse caso o rio Parnaíba, os excluídos socialmente, as festas de caráter religioso, as transformações socioespaciais, enfim, todas as formas simbólicas que lembram a terra natal.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independentemente do final postado na obra, que, claro, fica a cargo do imaginário de cada um, vale ressaltar que o mundo urbano em Palha de Arroz não fora feito somente de construções, bases materiais, representado pelas imagens de uma cidade em processo de ascensão, fruto da amalgamação de valores históricos, mas de indivíduos que na busca incessante de liberdade – política, social, econômica e principalmente pessoal, fizeram coexistir um mundo à parte, o mundo do Palha de Arroz.

Este mundo é permeado de ações, de dicotomias, inseguranças e de novas perspectivas, que são na verdade para nós e, talvez para o autor e leitores, a liberdade que tanto o nosso estado anseia. Esta tem sua edificação a partir das ações políticas empreendidas ao momento histórico aludido na obra e que, fez parte do cotidiano de inúmeros brasileiros e piauienses.

No intuito talvez de demonstrar que o referido grupo é calcado de ambições e produções de interesses próprios, em contraposição social, Fontes Ibiapinas convida a refletir sobre o Piauí de ontem, o de hoje e, quem sabe de amanhã, para que possamos também escrever e repassar um pouco de nossas histórias e valores para as nossas proles, não somente no formato da

---

<sup>4</sup> A denominação Pau de Fumo é dada quando o personagem sem perspectiva de crescimento/desenvolvimento pessoal, financeiro, é levado a praticar furtos – um meio de sustento. Quando existe, o Chica da Benta é o inventário psicológico do mesmo voltado às práticas de honra e honestidade que o mesmo promove para com ele e a sociedade.

ficção, mas no formato original do que de fato se processou e que possibilidades reflexivas e procedimentais terão as nossa gerações para com a nossa terra, o nosso estado, o nosso país.

Todos os processos históricos que envolvem uma dada coletividade social, em dado tempo, são na verdade parcelas da construção de valores, com espaços e figurantes em ação, onde se desencadeia um processo que, muitas vezes, serve de inspiração na produção da arte literária. Arte essa que busca evidenciar valores, atitudes e ações que permearam um dada época, fato que nos possibilita uma maior sedimentação de nossa história e, portanto, de nossos valores.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Irlane Gonçalves de. O papel de Teresina na organização espacial do Piauí. **Cadernos de Teresina**. Revista da Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Ano 2, nº 5, ago, 1988.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales: 1929-1989**. São Paulo: Unesp, 1997.

FAÇANHA, Antonio Cardoso. A Evolução Urbana de Teresina: passado, presente e... **Carta Cepro**, Teresina, v. 22, n.1, jan/jun.2003. p. 59-69.

FONTES IBIAPINA, João Nonon de Moura. **Palha de Arroz**. 4 ed. Teresina: Corisco, 2004.

LIMA, Juscelino Gomes. **Análise da paisagem urbana na cidade de Altos - PI: uma década de transformações socioespaciais (1997-2007)**. Monografia. Teresina, 2008.

MOREIRA, Amélia A. N. et alii (1972). A Cidade de Teresina. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, IBGE, n.230.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cidade e Memória: cidades invisíveis. **Outros Tempos**, Vol. 3, 2006.

\_\_\_\_\_. Cidade e memória: o processo de modernização de Teresina nos anos de 1930 e 1940. In: EUGÊNIO, João Kennedy. **História de vários feitio e circunstância**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2007.

RAMOS, Fábio Pestana. História e literatura: ficção e veracidade. In: Domínios de linguagem II. **Revista Eletrônica de Lingüística, São Paulo, n. 1, 2003**.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SILVA, Rogério Forastieri. **História da historiografia**. Bauru: Edusc, 2001.

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. Pau de Fumo/Chico da Benta: A Trajetória de um herói Ibiapiano. In: SANTOS, Francisco Venceslau dos (org.). **Prismas 4 – Geografias Literárias – Confrontos: o local e o nacional**. Rio de Janeiro. Caetés, 2003.